



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,  
Luiz Inácio Lula da Silva, à revista *èItalia***

**Publicada em 27 de novembro de 2008**

**Jornalista:** Que tipo de danos a crise financeira internacional, que teve origem nos Estados Unidos, provocou no Brasil?

**Presidente:** Em primeiro lugar, estamos atentos aos eventuais desdobramentos da crise e suas repercussões, para tomar medidas que atenuem seu impacto na economia real. Ao longo dos últimos dias, tomamos medidas típicas, sobretudo com o objetivo de assegurar a liquidez na economia e a manutenção do acesso ao crédito por parte dos agentes econômicos. A crise é grave e não pode mais ser ignorada por nenhum país, nem por aqueles que estão no seu epicentro, como os Estados Unidos e os países da Europa; tampouco pelos países em desenvolvimento.

No Brasil e na América Latina, estamos atentos, porque sabemos os efeitos que podem ter uma crise dessa magnitude. Sabemos também que, na eventualidade de uma recessão profunda nos Estados Unidos, com reflexos na Europa e em países asiáticos, todos sentirão o seu impacto.

No entanto, a crise tem dimensões diferentes para cada país. No Brasil, alguns me consideram muito otimista, porque tenho dito que a crise pode chegar ao Brasil com um impacto muito menor que o observado nos Estados Unidos e na Europa. Tenho motivos para enfrentar a crise com otimismo. Nossas contas públicas estão em ordem, com um nível confortável de reservas cambiais, da ordem de 207 bilhões de dólares. Temos um sistema bancário forte. Mas, sobretudo, contamos com um mercado interno sólido – que ampliamos nos últimos cinco anos com nossas políticas econômicas e sociais. Os programas de investimento do Governo são um importante fator de



desenvolvimento, e vamos continuar nessa direção. Nenhuma obra pública, de infra-estrutura física e energética, de urbanização de favelas, de esgotamento sanitário, será interrompida em 2009. Todas as obras de infra-estrutura que estamos fazendo, tanto ferrovias como estradas, investimentos na indústria naval, na indústria petroleira, terão seqüência.

Depois de 22 anos sem crescer, não temos o direito de permitir que o Brasil retroceda na sua trajetória atual. O fortalecimento do mercado interno, o controle das contas públicas e a diversificação dos mercados para as exportações brasileiras permitem afirmar que o Brasil vai continuar crescendo e que vamos continuar gerando os empregos necessários no País.

**Jornalista:** O senhor fez duras críticas ao plano de resgate proposto pelo governo George W. Bush. Por quê? A situação não o justificava?

**Presidente:** Minhas críticas iniciais tiveram muito mais a ver com a demora na resposta dos Governos envolvidos aos sinais de uma crise que era evidente. O dado concreto é que o *subprime* está sendo discutido há mais de um ano e em nenhum momento os líderes dos países desenvolvidos tomaram decisões com antecedência. Lembro que na última reunião do G-8, no Japão, levantei o assunto da crise e ninguém queria discuti-lo.

As medidas adotadas foram na direção correta, manifestei isso pessoalmente em telefonemas ao Presidente Bush, e também em declarações públicas sobre o plano do governo de Gordon Brown. Me parece muito acertada a decisão, lançada por Brown e depois adotada nos Estados Unidos, de recapitalizar bancos em dificuldades por meio da compra de ações, e não simplesmente de um apoio financeiro que socialize os prejuízos e premie a irresponsabilidade dos que causaram o problema e privatizaram os lucros, enquanto durou essa enorme bolha especulativa.

Afirmar no meu discurso na abertura da Assembléia Geral da ONU deste



ano que chegou a hora da política, e os líderes da comunidade internacional começam a oferecer uma resposta coordenada à crise e a refletir sobre um modelo que evite a repetição dos graves erros do presente. Agora, os dirigentes políticos terão que fazer da política o instrumento fundamental para vencer esta crise.

É preciso fazer uma nova regulamentação do sistema financeiro, e infelizmente foi necessário que a crise chegasse a um quadro de extrema gravidade para que alguns governos assumissem o comando da situação e para que as resistências à reforma das instituições financeiras internacionais começassem a ser vencidas. Esse processo de reflexão, no entanto, está apenas no começo, e os defensores da onipotência e da virtude dos mercados, hoje desaparecidos, tentarão voltar, com um discurso reciclado.

Todo ser humano está subordinado a regras, ou dos seus países ou de instituições multilaterais. Os bancos não estavam. Dou um exemplo: na Basileia, os bancos centrais há muito tempo tomaram decisões de que um banco de investimento não poderia alavancar mais que dez vezes o seu patrimônio líquido. Enquanto no Brasil a alavancagem varia entre nove e dez vezes, nos Estados Unidos chegava a 35 vezes. A chamada “economia de papéis” estava subordinando a economia formal, produtiva. A era do domínio da economia virtual acabou, mas infelizmente acabou tarde e a um custo muito alto.

**Jornalista:** Em setembro, o senhor declarou que o seu governo investirá em políticas sociais parte dos lucros provenientes da receita das enormes jazidas petrolíferas descobertas no Atlântico. O que o senhor pensa, exatamente? E em que cifras poderá se basear?

**Presidente:** A descoberta dos campos de petróleo da camada pré-sal constitui uma oportunidade única para o desenvolvimento do País, e não temos



o direito de desperdiçá-la com improvisações ou com decisões equivocadas. Por esse motivo, determinei que fosse constituído um grupo de trabalho interministerial que está trabalhando na elaboração de propostas para o melhor aproveitamento possível desses recursos, o que naturalmente contempla a aplicação de parte dos recursos obtidos na área social, e em particular na educação. A constituição do grupo interministerial é o primeiro passo de um debate que deve ser amplo e que deve envolver a sociedade brasileira. No atual momento, é prematuro falar em cifras, mas não tenho dúvida de que parte dos resultados deve ser aplicada no combate à pobreza e no pagamento de uma dívida histórica com a educação brasileira, o que é essencial para darmos o salto de qualidade e assegurarmos a sustentabilidade do desenvolvimento do País.

**Jornalista:** Com essas novas reservas de petróleo, o Brasil poderá converter-se em um importante produtor e exportador mundial de óleo cru?

**Presidente:** Seremos um grande produtor de petróleo com a descoberta do pré-sal, cuja exploração comercial deve resultar na produção de petróleo a partir de 2012. Mas daremos especial atenção à necessidade de agregar valor ao produto.

Nós começamos o primeiro poço do Jubarte, no estado do Espírito Santo, tirando petróleo a 4.300 metros de profundidade. E em março do próximo ano começaremos a explorar o poço de Tupi, que está a mais de 6 mil metros de profundidade. Isso demanda grandes investimentos. Só para dar uma idéia, precisamos contratar, nos próximos 6 anos, pelo menos 38 sondas, e cada sonda custa mais de US\$ 800 milhões. Vamos ter que contratar mais de 200 navios, muitas plataformas, e por isso estamos recuperando a indústria naval, a indústria petrolífera. Queremos compartilhar esse esforço industrial com os demais países da América do Sul. Vamos desenvolver no Brasil uma forte



indústria petroquímica.

Só para dar uma dimensão da nova realidade, a última refinaria foi inaugurada no Brasil em 1980. Agora, vamos fazer quatro novas: uma de 600 mil barris diários, uma de 300 mil barris diários, uma de 200 mil barris diários e outra de 70 mil barris diários. Tudo isso pensando em explorar e exportar produtos com maior valor agregado e não apenas exportar o óleo cru.

**Jornalista:** Com que olhos o senhor vê os investidores estrangeiros que vêm ao Brasil?

**Presidente:** O investimento estrangeiro direto é um instrumento de promoção do desenvolvimento para quem o recebe, e também uma oportunidade de abertura de novos mercados para quem investe. Deve ser encarado como uma via de mão dupla. Por seu perfil econômico, pelas dimensões de sua economia e pela sua estabilidade institucional, o Brasil tem sido um centro de atração para investimentos estrangeiros. Acredito que isso está acontecendo neste momento porque os investidores estrangeiros compreenderam que o Brasil está oferecendo oportunidades de negócios para que os empresários possam produzir e obter o seu retorno. Vamos continuar fazendo com que a economia brasileira e o comportamento do governo sejam efetivamente o grande atrativo para investimentos no Brasil.

**Jornalista:** A taxa de desemprego no Brasil esteve em queda de dois anos para cá: de 8,4% em 2006 para 8,2% em 2007. Hoje, ao contrário, parece voltar a subir. Como o senhor pretende reagir?

**Presidente:** Minha trajetória pessoal como trabalhador e líder sindical faz da questão do desemprego um ponto fundamental da gestão governamental. Para mim, não se trata de mais uma cifra: eu sei o que isso representa na vida



de um trabalhador, de sua família, porque vivi um ano e seis meses desempregado, na crise de 1975. Por esse motivo, trabalhamos duro desde o início do primeiro mandato, em 2003, para criar as condições para um crescimento sustentado da economia, que se traduziu na retomada do crescimento e na abertura de novas oportunidades de progresso para os brasileiros. Devemos atingir em dezembro a meta de criação de 2 milhões de novos empregos formais, somente neste ano. Desde o início da minha gestão até setembro de 2008 mais de 10 milhões de novos empregos formais foram gerados.

A forma de assegurar a continuidade dessa trajetória positiva é seguir trabalhando no fortalecimento dos fundamentos e da competitividade da economia brasileira e na ampliação do mercado interno. O crescimento do mercado interno tem sido um importante fator de desenvolvimento econômico e reflete também o êxito de políticas de inclusão social. Nos últimos seis anos, houve redução significativa da pobreza no Brasil, com reflexos no crescimento da classe média, que já representa a maioria da população: 52%.

**Jornalista:** A sua popularidade atingiu 68,8% em setembro último, o índice mais elevado da história. A qual de suas políticas, mais especialmente, o senhor atribui esse resultado?

**Presidente:** O sucesso do nosso governo está ligado ao que fizemos nesses seis anos, diminuindo a pobreza e a desigualdade, retomando o crescimento, aumentando e diversificando nosso comércio exterior, sem descuidar da estabilidade macroeconômica, do controle da inflação. O aumento do poder aquisitivo dos trabalhadores e do salário mínimo, acompanhado de uma política de desenvolvimento voltada para o fortalecimento da indústria, foram fatores importantes para a obtenção dos resultados atuais.

Tudo isso, combinando o orçamento do PAC – que é o Programa de



Aceleração do Crescimento, onde estamos investindo 504 bilhões de reais até 2010 – com uma forte política social e de ampliação do crédito em todos os níveis. Vou dar apenas um exemplo: em 2003, o Brasil tinha 370 bilhões de reais de crédito. Hoje, temos um trilhão e 100 bilhões de reais. Criamos o crédito consignado para favorecer as pessoas mais pobres. Atualmente, esse crédito está em 77 bilhões de reais, o que significa aproximadamente 50 bilhões de dólares, para empréstimo a aposentados, para quem jamais emprestaram em qualquer outro momento da sua história, tanto para a agricultura familiar como para o agronegócio. Penso que uma combinação de vários fatores permitiu que conseguíssemos chegar ao sucesso que estamos colhendo agora.

Costumo dizer que em economia não existe mágica. É melhor ter regras claras, um cenário previsível, do que ficar tentando inventar pacotes a cada problema que aparece. É preciso previsibilidade. Todo mundo tem de saber o que vai acontecer a cada dia, a cada mês, a cada ano, porque isso garante tranquilidade. Isso permitiu que nós pudéssemos colher o que estamos colhendo hoje. Acredito que o Brasil encontrou o seu caminho, e isso se reflete nos níveis de satisfação da população quanto ao governo.

(\$31DHKM)